

O PLANO E O DESEJO DO PLANO: A ESPLANADA DO CASTELO

Aluno: Russeana Marreiros e Maria Luisa Noujaim Teixeira
Orientador: João Masao Kamita

Introdução

A pesquisa pretende investigar o processo de urbanização da esplanada do Castelo, resultante do desmonte do morro homônimo. Sítio fundacional da cidade do Rio de Janeiro, a pesquisa começa por levantar os discursos que motivaram a draconiana derrubada do morro, especialmente, considerando-se o argumento que o vincula as comemorações do centenário de independência em 1922. Outra tarefa a que a pesquisa se propõe é fazer o levantamento dos diversos planos urbanísticos para a área e em que medida foram executados (ou não) como o plano da exposição de 1922, o plano Agache, o plano modernista de A. E. Reidy, o plano da Comissão do Plano da Cidade, até os mais recentes como Frente Marítima, o Corredor Cultural, e os que mais estão sendo ainda elaborados para intervir na área em questão. Intervenções arquitetônicas também serão considerados, tanto as novas construções como os pavilhões da Expo 22, quanto as que sofreram reformas como o Museu Histórico Nacional ou foram demolidas integral ou parcialmente, caso do Mercado Modelo, ou mesmo aqueles que permaneceram desde o período colonial, como a Santa Casa de Misericórdia. Obras consideradas de infra-estrutura como o terminal de linhas municipais ou o elevador serão igualmente investigados.

O estado atual da área é uma espécie de “colcha de retalhos”, com restos de intervenção de diversos períodos, fragmentos de um todo sonhado (o plano), experimentos desconexos de unidade. Entre o abandono e a amnésia, este espaço ainda não encontrou sua vocação e estabilidade, uma vez que planos de futura ocupação ainda estão sendo elaborados.

Enfim, a pesquisa pretende desvelar as camadas dos planos de projeção que se sobrepõem uns sobre os outros, para se perguntar afinal se sua incompletude é devida: a) aos limites do planejamento com seus instrumentos e métodos inadequados; b) aos limites do poder político; c) aos limites da realidade socioeconômica; d) aos limites do planejador, que delira com totalidades estéticas sem se confrontar com a realidade.

A Exposição Internacional do Centenário da Independência

O trabalho também analisa o contexto da Exposição Internacional do Centenário da Independência, em 1922. Erguida sobre a esplanada vazia pós derrubada do Morro, a exposição contou com diversos pavilhões de estilo eclético e neo-colonial.

Pretende-se descurar sobre o caráter modernista da exposição, que acontecia no mesmo ano da Semana de Arte Moderna de São Paulo. O evento estava envolto na projeção do país no rol das nações civilizadas do mundo. Portanto análise dos monumentos arquitetônicos é reveladora neste sentido. Outro aspecto a ser pesquisado são os objetos de exposição de alguns pavilhões, como filmes, obras de arte e produtos industriais. Procurar discutir a representação histórica da Exposição do Centenário da Independência é o objetivo deste recorte da pesquisa.

Caminhos para o Morro

A pesquisa também tem a intenção de examinar mais a fundo em como se decorreu uma parte do processo histórico urbano dos caminhos “principais” que ligavam as pessoas ao alto do Morro e como estas ligações se davam com a parte de baixo de baixo da Cidade. Ou seja, dos caminhos mais importantes do Morro do Castelo, as duas de suas três ladeiras de acesso –

Ladeira da Misericórdia e Ladeira do Seminário – é um dos temas de grande anseio desse trabalho.

Encontrar e esclarecer fatos em como se dava esses acessos, ao que eles se conectavam, os tipos de caminho que eram feitos neles, quem e como eram as pessoas que por ele comumente o percorriam. Explicitar a vida que acontecia ali, os acontecimentos, a sua dinâmica.

Classificar os principais monumentos arquitetônicos encontrados nas suas mediações com o seu devido histórico e suas mudanças ou não sofridos, como a Santa Casa da Misericórdia; o Convento da Ajuda, atual Cinelândia; a Igreja de Santa Luzia; o Complexo Jesuítico; a Seminário e Igreja de São José, O Museu Histórico Nacional, antigo Forte de São Tiago e que mais tarde, transformou-se na Casa do Trem.

Por fim, encontrar suas características mais desconhecidas, unificando, reinterligando as novas peças desse “quebra-cabeça” na tentativa de reconectar as novas informações com as já exploradas.